

A AUTOBIOGRAFIA CANÔNICA DE RITA LEE

THE CANONICAL AUTOBIOGRAPHY OF RITA LEE

Tiago Ramos e Mattos¹

Doutor em Língua Portuguesa (PUC-SP)

RESUMO

Autobiografia é um gênero do discurso escrito, do íntimo, do casual, da veridicção. Quando escrita de maneira clássica, canônica, goza de um posicionamento enunciativo-discursivo em primeira pessoa do singular em que se estabelece uma proposição: não existe coincidência entre o nome próprio do autor na capa do livro e o “eu” enunciativo-discursivo do narrador. Ao levarmos em consideração o nome próprio do autor, a capa do livro, a marca pronominal do “eu” e o estabelecimento e manutenção do contrato de veridicção, quais são os elementos inerentes à autoria de uma biografia canônica? Para respondermos a essa pergunta, fundamentamo-nos em Arfuch (2010/2013) e Lejeune (2014) e escolhemos, como objeto de análise, a autobiografia de Rita Lee, cantora e compositora brasileira, cujo título é *Rita Lee: uma autobiografia* (2016). Os resultados da nossa análise concluem que a autobiografia de Rita Lee está assentada em um elemento canônico preponderante: a narrativa autodiegética.

Palavras-chave: Rita Lee; autobiografia; gênero do discurso.

ABSTRACT

Autobiography is a genre of written discourse, intimacy, casual, and veridiction. When written in a classic, canonical way, it enjoys an enunciative-discursive positioning in the first person singular in which a proposition is established: there is no coincidence between the author's proper name on the book cover and the narrator's enunciative-discursive "I". When considering the author's first name, the book cover, the pronominal mark of the “I” and the establishment and maintenance of the veridiction contract, what are the inherent elements to the authorship of a canonical biography? To answer this question, we consider the ideas raised by Arfuch (2010/2013) and Lejeune (2014) and choose, as an object of analysis: *Rita Lee: An Autobiography* (2016), which presents her life story as a Brazilian singer and songwriter. The

¹ E-mail: cambiaridea@yahoo.com.br

results of our analysis conclude that Rita Lee's autobiography is based on a preponderant canonical element: the autodiegetic narrative.

Keywords: Rita Lee; autobiography; speech genres.

Considerações iniciais

Autobiografia é um gênero narrativo-discursivo, retrospectivo e em prosa, constitutivo de uma atmosfera biográfica do cotidiano: biografia, diários íntimos, testemunhos, talk e reality shows etc., que nascem por meio da relação do “eu” com o “você”. O autobiográfico materializa-se por meio da relação com outrem, com os sentimentos e impressões de verdade suscitadas no auditório e pela efetiva impossibilidade da unicidade do “eu”. Estabelece-se pela alteridade. É um gênero discursivo fundamentado no real, na veridicção, que pode contar com movimentos autorais de ficcionalização.

Nossas lembranças da infância, por exemplo, podem ser inexatas e podem cometer alguns tropeços de memória no percurso da anamnese da vida de um “eu” personificado pelo papel social de um indivíduo. O autor autobiográfico por meio da ficcionalização pode representar um papel: a representação do “eu” na vida cotidiana.

A insistência autodiegética que imprime uma preponderância do “eu” sobre um “ele” ou sobre um “você” na narrativa autobiográfica caracteriza o gênero autobiografia por intermédio dessa construção em primeira pessoa como uma narrativa clássica, canônica. Quais são os elementos inerentes à autoria de uma biografia canônica? O objetivo geral deste trabalho está em apresentar como se dá a construção, por meio do nome próprio, da capa do livro, do encontro da identidade com a identificação, das idiossincrasias de autoria, as particularidades de uma autobiografia autodiegética-canônica.

A fundamentação teórica deste artigo consiste nas contribuições de Arfuch (2010/2013) e Lejeune (2014). O objeto de análise escolhido foi a autobiografia de Rita Lee, cantora e compositora brasileira, cujo título é Rita Lee: uma autobiografia (2016).

Autobiografia canônica é constituída, portanto, por meio de um contrato de veridicção. Um percurso consistente em direção da verdade em que se sustentará a relação indubitável entre o pronome do caso reto “eu”, o autor do livro e as relações sociais que permeiam essa vida refratada.

Autobiografia canônica.

Há certo desdobramento conceitual relevante entre biografia e autobiografia em que se faz necessária uma concisa exposição na relação entre esses gêneros que descrevem a vida: para se construir uma personagem real na biografia ser-se-á necessária uma imersão sobre a vida do outro; na autobiografia a personagem autobiográfica, na medida em que objetiva seu relato, realiza um estranhamento de si para poder ver a si mesmo com os olhos do outro. Portanto, como sugere Arfuch (2013), não é tão nítida a fronteira entre ambos os gêneros textuais, porque a muito de autobiográfico em se abordar a vida do outro, assim como há um limite ético em não se confundir com o outro.

Em uma autobiografia é notável a percepção de que se tratará sempre de uma vida, com outros e também para outros, em que por ser advinda de um relato vivencial propiciará identificação, seja por meio da glorificação, seja por meio do trauma. Essa identificação propiciará uma intimidade entre estranhos não somente nas relações interpessoais inerentes a escrita autobiográfica, ou seja, as relações que a compõem, mas também na relação entre autor autobiográfico e seu leitor.

A intimidade se manifesta pela comunidade autobiográfica, pelos afetos e desafetos entre as pessoas, intrínsecos ao processo de se autobiografar, e aos laços de cumplicidade. Trata-se de um valor biográfico que interpela aos envolvidos por meio da existência em valores éticos, estéticos e até mesmo políticos.

Autobiografia é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz da sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história da sua personalidade”. (LEJEUNE, 2014, p. 16). É inerente a forma autobiográfica uma identidade

entre narrador e personagem principal marcada essencialmente pelo pronome do caso reto “eu”, ou seja, primeira pessoa, denominada narração autodiegética. Lejeune (2014) categoriza a autobiografia proveniente da narração autodiegética como clássica, em outras palavras, como uma autobiografia canônica.

Esse gênero do discurso do íntimo e casual, quanto mais informal e espontâneo parecer, melhor. E, dessa forma, o contrato de veridicção, o elo da autobiografia com o real, não é quebrado. Mas, como saber se o “eu” da capa do livro é o sujeito-autor do discurso? O nome próprio do sujeito associado ao “eu” constitutivo do discurso formata uma das formas de estabelecimento da verdade no gênero autobiografia que permite a seguinte inferência: quem escreve o livro de fato é ele. Isso se dá, pela personificação do “eu”.

O nome próprio, portanto, tem suas especificidades principalmente no âmbito autobiográfico. É por meio do nome próprio que o autor autobiográfico crava a indubitável relação que pressupõe esse gênero: autoria e realidade. “É nesse nome que se resume toda existência do que chamamos de autor: única marca de uma realidade extratextual indubitável, remetendo a uma pessoa real”. (LEJEUNE, 2014, p.26). Esse nome próprio é a marca indelével de uma existência certificada em cartório que é passível de verificação.

Segundo Lejeune, o pacto autobiográfico consiste na relação entre o texto e o nome próprio, o nome do autor, em que é possível pautar algum critério textual geral, à identidade do nome. “O pacto autobiográfico é a afirmação, no texto, dessa identidade, remetendo, em última instância, ao nome do autor, escrito na capa do livro”. (LEJEUNE, 2014, p. 30).

A assinatura em uma autobiografia é absolutamente relevante principalmente para a relação entre o leitor e o autor: “o leitor pode levantar questões quanto à semelhança, mas nunca quanto à identidade”. (LEJEUNE, 2014, p. 30).

Uma das características do gênero autobiografia é estabelecer uma relação entre autor, narrador e personagem, no intuito de manter o contato com a verdade, com a veridicção. Uma das formas é por intermédio da utilização de títulos “que não deixem pairar nenhuma dúvida quanto ao fato de que a primeira pessoa remete ao nome do autor (História da minha vida, Autobiografia etc.)”. (LEJEUNE, 2014, p. 31).

Exclui-se qualquer possibilidade autobiográfica se o nome da personagem for diferente do nome do autor, assim como o nome da personagem igual ao nome do autor exclui qualquer possibilidade de ficção. Segundo Arfuch (2010) ao lembrarmos das nossas histórias desde a infância podemos cometer alguns tropeços de memória e então eventualmente ficcionalizar, no entanto, ainda assim uma autobiografia nunca será uma obra genuína de ficção,

embora a mentira seja uma prerrogativa. “Ainda que, historicamente, seja completamente falsa, a narrativa será da ordem da mentira (que é uma categoria autobiográfica) e não da ficção”. (LEJEUNE, 2014, p.35).

A maior característica que define o gênero autobiografia para quem o lê, é um contrato de identidade constituído pelo nome próprio. Sobre o nome próprio acrescenta Lejeune adequadamente:

Autor e pessoa: a autobiografia é o gênero literário que, por seu próprio conteúdo, melhor marca a confusão entre autor e pessoa, confusão em que se funda toda a prática e a problemática da literatura ocidental desde o fim do século 18. Daí a espécie de paixão pelo nome próprio, que ultrapassa a simples “ vaidade do autor”, já que, através dela, é a própria pessoa que justifica sua existência. O tema profundo da autobiografia é o nome próprio. (2014, p. 39-40).

A identidade definir-se-á a partir de três condições: autor, narrador e personagem. Narrador e personagem caracterizam no texto o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado. “O autor, representado na margem do texto por seu nome, é então o referente ao qual remete, por força do pacto autobiográfico, o sujeito da enunciação” (LEJEUNE, 2014, p. 42).

A fama na autobiografia é uma oferta social, todavia podemos ou não “nos”, identificar com ela. Isso quer dizer que a identificação dar-se-á não somente pelas características positivas do autor, mas também pelas negativas. Mas, de um modo geral, as autobiografias nos propõe uma oferta de sujeitos que não é imparcial, tampouco neutra.

O sujeito autobiográfico, não raro, apresenta alguma característica particular, alguma singularidade. Essa apropriação de si mesmo corresponde a uma procura do sujeito pelo seu “eu”, que pode ser um “eu” idealizado. Características identitárias são atribuídas a esse “eu”.

A autobiografia, conseqüentemente, é um gênero do discurso complexo: deriva do gênero secundário – literário –, mas sua formalidade é travestida de uma intimidade personificada pela presença do “eu” em relação com um “você”. Trata-se de um relacionamento entre autor e leitor amparado, de maneira definitiva, pela veridicção. Trata-se de um encontro da identidade com a identificação.

Análise do Corpus

A autobiografia de Rita Lee é em sua maior parte – preponderantemente – escrita em primeira pessoa. Todavia, a maior incidência do pronome pessoal do caso reto “eu”, característica autobiográfica, não exclui a possibilidade biográfica no livro de posicionamento enunciativo-discursivo proposto pela terceira pessoa.

Ao considerar que biografia é uma imersão sobre a vida do outro, Rita se aventura, em muitos momentos, a descrever a vida de outrem. Um exemplo disso é quando a autora conta brevemente a história de vida de membros da família no capítulo *Um pouco de cada um*:

Minha Mãe – Romilda Padula, Geminiana

Apelido Chesa, que no dialeto italiano significa igreja, filha caçula de imigrantes italianos lotados em Rio Claro. Mais católica que o papa, mais bonita que Greta Garbo, mais ingênua do que um sabiá, mais bondosa que Madre Teresa, mais engraçada que Lucile Ball, mais simpática do que Doris Day, mais porreta que Pagu, mais hipnotizante do que Carmen Miranda, mais frágil que uma pétala, mais cheirosa que uma gardênia. Palmeirense e quinze anos mais nova que o marido. (LEE, 2016, p. 15).

Ainda que Rita conte um pouco sobre sua mãe em terceira pessoa, a marca autobiográfica autodiegética aparece aqui não pelo pronome pessoal do caso reto “eu”, mas pelo pronome possessivo “minha”: “Minha Mãe – Romilda Padula, Geminiana”. (LEE, 2016, p. 15).

O mesmo se dá quando a autora narra a personalidade do pai, no entanto a marca biográfica proposta pelo pronome “ele”, não se sustenta. A autora ao começar a narrar como os pais se conheceram em *O romance* intercambia posições enunciativas:

Conheceram-se num baile de carnaval no clube Ginástico de Rio Claro, interior de São Paulo. Chesa, a esfuziante italianinha, caçula de nove irmãos, avistou Charles, o desajeitado arlequim gringo, dentista recém-formado e novo morador da cidade. O que se sabe é que no fim da noite sobrou o papel de pierrô abandonado para Ulysses Guimarães, moço rio-clarense que também paquerava Chesa e sua amiga Dalva de Oliveira, com quem minha mãe dava canjas em festas e recitais na cidade. Diziam os italianos que Ulysses teria conseguido conquista-la não fosse a repentina chegada do vilão americano. **Difícil me imaginar** uma Rita Guimarães, filha de Ulysses, deputada do

PMDB, defensora dos frascos e comprimidos, praticamente uma Neusinha Brizola Coxinha. (LEE, 2016, p.15-16).

O excerto acima é praticamente todo narrado em terceira pessoa até o momento que Rita se coloca no discurso com o pronome pessoal oblíquo “me”. Ao mesmo tempo em que marca a autobiografia por meio de um pronome pessoal propicia um estranhamento de si: “Difícil me imaginar uma Rita Guimarães”. (LEE, 2016, p.15-16).

De fato, muito há de autobiográfico em se abordar a vida do outro.

Em muitos momentos Rita Lee narra à relação dela com a família Baptista, que formavam a banda *Os mutantes*, de maneira hostil e sarcástica:

Os cinco membros da família sofriam de rinite, respiravam pela boca, babavam muito e cuspiam quando falavam. Aos poucos fui me adaptando aos usos e costumes daquela família que, apesar de não ser muito asseada, me tratava bem e cada vez mais fui conhecendo as idiossincrasias deles. (LEE, 2016, p. 59).

Pode-se inferir em muitos momentos ter ficado uma mágoa de Rita em relação aos antigos parceiros de banda, um ressentimento, em que ela pontua uma verdade, um sentimento humano. Esses sentimentos implícitos ilustram o gênero autobiografia que percorre um caminho definitivo pela veridicção. Demonstra também certa intimidade com as personagens que circundam sua vida.

Rita vai traçando ao longo de sua narrativa uma verdade, pela natureza dos relatos, que proporciona mais intimidade entre ela e seu leitor. Leiamos um excerto retirado do capítulo *Desvirginando*:

Um dia a máquina de costura de Chesa engasgou e veio um técnico da firma. Me contaram que eu brincava no chão da copa enquanto minha mãe mostrava pro cara onde a coisa estava enguiçada. O telefone tocou, ela saiu para atender. Quando voltou, me encontrou sozinha no mesmo lugar, olhando petrificada para o cabo de uma chave de fenda enfiada fundo na minha vagina, de onde escorria uma gosma vermelha (LEE, 2016, p. 13).

Trata-se de um relato vivencial narrado a partir de um trauma, que propicia uma intimidade entre estranhos. No caso, uma intimidade entre autor e leitor, que pode se identificar com o fato vivido ou não. Mesmo que não haja identificação, certamente desperta empatia. É por meio da verdade que Rita vai estabelecendo uma relação de cumplicidade com seu leitor.

O “eu” autobiográfico só existe diante de um “você”. Portanto, a unicidade do “eu”, nesse gênero tão densamente povoado, caracteriza-se como sendo uma ilusão. O “eu” se materializa na fusão narrador com personagem principal, que deságua no sujeito do discurso consubstanciado pelo nome próprio na capa do livro.

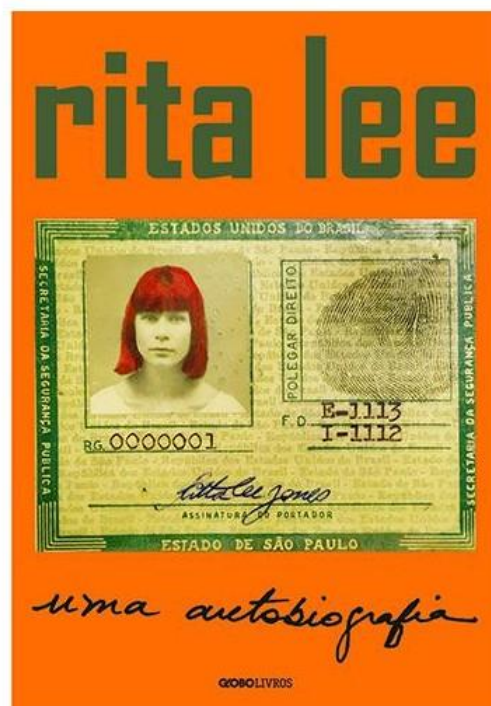


Figura 1 – Capa do livro – Rita Lee: uma autobiografia (2016).

Como podemos observar, a capa do livro apresenta três elementos inquestionáveis para que possamos fazer uma associação entre o narrador, a personagem principal e o sujeito do discurso: o nome Rita Lee na capa. O nome de Rita é associado à foto de sua identidade, devidamente assinada, e a um subtítulo: uma autobiografia.

Ao olharmos para capa do livro ocorre uma personificação do “eu”. Não há dúvida de que quem escreve o livro é realmente Rita Lee.

Vejamos uma sensação de verdade – característica do contrato autobiográfico – lendo um excerto que contempla uma incidência grande do pronome pessoal do caso reto “eu”:

Fiquei uma semana no Deic e depois **fui** transferida ao Hipódromo Feminino, onde **passei** um mês e meio. De cara, quem **me** recebeu no Xadrez 21 foi a detenta-chefa do pedaço, Mendonça, uma *mucho* macha, verdadeira cavalheira, inclusive **me** cedeu sua cama de baixo no beliche sabendo do meu estado interessante. As outras sete mulheres também aderiram ao afeto, acharam o máximo estarem presas com uma celebridade. Tudo ia bem até **eu** perguntar onde ficava o banheiro. “É aquele buraco ali no chão, colega”. (LEE, 2016, p. 154).

Há uma incidência do pronome pessoal do caso reto “eu” personificado pelo nome Rita Lee apresentado na capa do livro. O “eu”, no excerto acima, em sua maioria está elíptico. O nome próprio da capa caracteriza o autor personificado no discurso pelo “eu” do narrador-personagem.

O título do livro Rita Lee: *uma autobiografia* não deixa dúvidas quanto ao fato de que a primeira pessoa se remete a autora. Fica praticamente inviável, a partir desses elementos, um questionamento do leitor quanto à identidade.

A questão da identidade é reafirmada no começo do livro quando aparece pela primeira vez um personagem que a autobiografia chama de *Phantom*: uma espécie de autor, biógrafo-fantasma, que aparece no decorrer de todo o livro para corrigir eventuais tropeços de memória da autora.

O texto diz o seguinte:

Não se assuste, sou Phantom, sabe como é. Sabemos que algumas “autobiografias” de artistas são obras de ghost writers. A autora deste livro, entretanto, fez questão de escrever tudo. Sabemos, também, que a memória dela pode trair. E que sua autocrítica (também conhecida como “chatice com ela mesma”) pode interferir, ou quem sabe, fazer com que se “esqueça” de alguns fatos. Então, vou assombrar este livro desembaralhando umas cronologias, apontando dados de fora... Como, por exemplo, o fato de que ela, nessa época, estava na equipe feminina de handebol do colégio. E com ótimos resultados. Afinal de contas, se tinha uma coisa que ela odiava era perder um jogo. Ah, Rita, já aviso que vou entregar mentiras, caso encontre pelas páginas a seguir. (LEE, 2016, p. 52).

Esse recorte da autobiografia exclui qualquer possibilidade de falsidade por parte da autora e exclui qualquer ideia de ficção. Uma mentira – com o *Phantom* vigiando – é quase impossível: lembremos que a mentira, segundo Lejeune (2014), é uma categoria autobiográfica. O *Phantom* da autobiografia aparece para estabelecer ainda mais o contrato com a veridicção entre autora e leitor². O que Rita escreve deve parecer real, honesto e inquestionável.

O nome próprio da autora na capa somado ao “eu” do narrador-personagem e a elementos como o *Phantom* – citado acima – permitem uma dificuldade maior de quebra de contrato entre autor e leitor. Segundo Lejeune (2014), o leitor autobiográfico atua como um cão de caça a procura de inconsistências, inverdades, incongruências do autor autobiográfico. Na autobiografia de Rita Lee, a quebra do pacto autobiográfico não ocorre. Trata-se de uma autobiografia autodiegética clássica: uma autobiografia canônica.

Considerações Finais

A autobiografia de Rita Lee apresentou um posicionamento enunciativo-discursivo prioritariamente marcado pelo pronome do caso reto “eu”. O nome da autora na capa, a manutenção do contrato de veridicção, a tentativa do estabelecimento constante de verdade refletem a intencionalidade autoral: a sensação de que quem escreve o livro é de fato a cantora e compositora Rita Lee. De fato é Rita quem escreve, no entanto, não pode ser negligenciada a presença de *Phantom* no projeto autobiográfico da cantora, uma espécie de coautor. A ausência de uma predominância de um posicionamento enunciativo-discursivo cambiante – o “eu” como “tu”, o “eu” como “ele” – asseguram ao projeto autobiográfico de Rita Lee uma condição clássica, canônica e, sobretudo, autodiegética de composição.

Referências

- Arfuch, L. (2010). *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Arfuch, L. (2013). *Memoria y autobiografía: exploraciones en los límites*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Lee, R. (2016). *Rita Lee: uma autobiografia*. São Paulo: Globo.

² Rita Lee revela ao final do livro que o *Phantom* é o jornalista Guilherme Samora, que a auxilia no decorrer de toda autobiografia.

Lejeune, P. (2014). *O pacto autobiográfico: de Rousseau a internet*. (2ª ed.). Minas Gerais: UFMG.

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267